



**Avaliação dos estudantes de medicina sobre o uso de epônimos na  
prática médica<sup>1</sup>**  
**Medical student's evaluation about use of eponyms in medical practice**  
**Valoración dos estudantes de la medicina sobre el uso de epónimos na  
práctica Médica**

Fleury Marinho da SILVA<sup>2</sup>  
Rodolfo Costa SYLVESTRE<sup>3</sup>  
José Guilherme Pinheiro PIRES<sup>4</sup>

**Abstract:** Eponym is a terminology created from a person's name for naming syndromes, signs or diseases. Several authors argue against the use of eponyms, yet some support their use. Our objective is to evaluate the opinion of medical students about the use of eponyms in medical practice. A qualitative research was done with students from 3rd to 5th year of a southeastern Brazilian medical school, through the application of a questionnaire, interview recording, and transcript of the answers. The qualitative analysis was done using the evocations of the subjects under study. The majority of the students was against the use of these nomenclatures, both in medical practice and in basic training. The students argued the difficulty for memorizing the names and obstacles in communication when using the eponyms. However, they also remember that the use of eponyms is frequently a tribute to the first physicians in history and its use is already common in the academic and professional

---

<sup>1</sup> Artigo como resultado de conclusão de Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBICT) pelo Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC, sob a orientação de José Guilherme Pinheiro Pires. Revisado por pares (*Peer-reviewed*)

<sup>2</sup> Fleury Marinho da Silva; Graduando em Medicina no Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC, Voluntário do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica – PIVICT, UNESC, [www.unesc.br](http://www.unesc.br), e-mail: [fleury\\_abv\\_123@hotmail.com](mailto:fleury_abv_123@hotmail.com)

<sup>3</sup> Rodolfo Costa Sylvestre; Graduando em Medicina no Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC, Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica – PIBICT, UNESC, [www.unesc.br](http://www.unesc.br), e-mail: [rodolfosylvestre\\_1993@hotmail.com](mailto:rodolfosylvestre_1993@hotmail.com)

<sup>4</sup> José Guilherme Pinheiro Pires; Professor de Medicina e Farmacologia do Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC. Graduação em Medicina pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Mestrado e Doutorado em Farmacologia pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP. Pós-doutorado em Farmacologia no Royal Free Hospital School of Medicine, Londres, Programa de Iniciação Científica e Tecnológica – Orientador, UNESC, [www.unesc.br](http://www.unesc.br), e-mail: [jgppires@hotmail.com](mailto:jgppires@hotmail.com)



environments. A major debate among medical educational institutions and students should be considered for probable adjustments of the difficulties that students have faced in their undergraduate period concerning the use of eponyms.

**Resumo:** Epônimo é uma terminologia criada de um nome próprio para nomeação de síndromes, sinais ou doenças. Vários autores argumentam contra a utilização dos epônimos, outros, porém, defendem o seu uso. Nosso objetivo é avaliar a opinião de estudantes de medicina sobre o uso de epônimos na prática médica. Foi feita pesquisa qualitativa com estudantes do 3º ao 5º ano de um curso de medicina do sudeste brasileiro através da aplicação de um questionário, gravação da entrevista e transcrição das respostas. Foi feita análise de conteúdo de fala frente às evocações dos sujeitos em estudo. A maioria dos alunos foi contra a utilização dessas nomenclaturas, tanto na prática médica quanto na formação básica. Os alunos argumentam a dificuldade de memorização e obstáculos na comunicação, quando se utiliza dos termos eponímicos. Entretanto, também relembram que o uso de epônimos é justa homenagem aos pais da medicina e que a sua utilização já está difundida no meio acadêmico-profissional. Um maior debate entre entidades de ensino médico e alunos devem ser considerados para prováveis adequações quanto às dificuldades que eles têm encontrado em sua formação quanto ao uso de epônimos.

**Keywords:** Eponyms - Medical Education - Terminology.

**Palavras-chave:** Epônimos - Educação Médica - Terminologia.

RECEBIDO: 24.02.2016  
APROVADO: 03.06.2016

\*\*\*

## I. Introdução

Uma das características do ambiente de ensino e prática médica é o uso habitual de terminologias construídas sobre nomes próprios (epônimos). Assim, frequentemente se mencionam sinais da semiologia, síndromes, doenças e partes anatômicas que levam o nome de uma pessoa (seja pesquisador ou o próprio paciente), cidade, regiões geográficas ou instituição

em comemoração a importância de sua contribuição na invenção/descoberta da entidade.<sup>5</sup>

Mesmo sendo energicamente combatido por professores e especialistas em anatomia humana<sup>6</sup>, o uso é comum em outras matérias do currículo médico, como semiologia, clínica médica e cirurgia<sup>7</sup>, justificando o seu debate.

O objetivo é avaliar a opinião de estudantes de medicina sobre o uso de epônimos na prática médica e em sua formação, já que esses, ultimamente, têm se tornado sujeitos ativos no seu processo ensino-aprendizagem.

## II. Métodos

Trata-se de um estudo exploratório, transversal de abordagem qualitativa e de natureza descritiva, realizado com 20 estudantes do 3º ao 5º ano do curso de medicina do Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC, em Colatina, Espírito Santo, Brasil. O instrumento de coleta de dados escolhido foi um questionário (roteiro interrogativo) com questões abertas, o que possibilitou aos respondentes ficarem livres para usar as próprias palavras, sem se limitarem ao preenchimento de opções previamente estabelecidas.

Após a explicação e assinatura espontânea do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o roteiro semiestruturado foi aplicado, as informações foram coletadas, a entrevista gravada e posteriormente transcrita na íntegra. O material colhido a partir das respostas ao questionário foi processado por meio do emprego da técnica de análise de conteúdo, de Bardin<sup>8</sup>, modalidade

---

<sup>5</sup> SILVA, Fleury M; SYLVESTRE, Rodolfo C; PIRES, José GP. 'O uso de epônimos na prática médica'. In: *Mirabilia, Medicinae* 3, 2014, p. 22-47.

<sup>6</sup> SOUZA, Marcos C; PIRES, José GP. 'Etimologia anatômica como auxílio à aprendizagem em Medicina'. *Mirabilia, Medicinae* 1, 2013, p. 40-47; PARRA, Jorge ED; ARIAS, Nilton CG; RÍOS, Diana PG. 'Nomenclatura Anatômica Internacional ¿Un Horno Microondas En El Interior De Un Volcán Activo?'. *Medicina UPB Medellín*, 21(1), 2002, p. 43-55; DI DIO, Liberato JA. 'Lançamento oficial da Terminologia Anatômica em São Paulo: um marco histórico para a medicina brasileira'. *Rev Ass Med Brasil*, 46(3), 2000, p. 191-193.

<sup>7</sup> WERNECK, Alexandre L; BATIGÁLIA, Fernando. 'Anatomical eponyms in Cardiology from to the 60s to the XXI century'. *Rev Bras Cir Cardiovasc*, 26(1), 2011, p. 98-106.

<sup>8</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Persona, 1977.



temática e a construção de imagem ilustrativa por meio do software IRaMuTeQ versão 0.7 alpha 2, do laboratório Lerass.

As respostas foram agrupadas enfatizando o número de vezes em que a mesma ideia se repetia, contextualizando-se os significados.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC), obtendo o parecer favorável para a sua realização sob o número 1.109.759– 06/2015 e CAAE 45445515.8.0000.5062.

### **III. Resultados**

Com aplicação dessa metodologia, pôde-se encontrar 2 categorias principais nas entrevistas feitas, além de 2 subcategorias de cada grupo principal das ideias evocadas pelos alunos.

A saber: (1) Argumentos contra a utilização de epônimos na prática médica, subdividindo em (1a) dificuldade de memorização e (1b) obstáculos de comunicação e associação epônimo-doença; (2) Argumentos favoráveis ao uso dos termos eponímicos, subcategorizados em (2a) honrada homenagem aos pesquisadores; (2b) grande difusão da utilização dessa terminologia no meio acadêmico.

Além disso, mesmo com o número de participantes sendo relativamente pequeno para uma pesquisa quantitativa, percebeu-se que 10 acadêmicos dos 20 entrevistados são contra a utilização de qualquer forma de epônimo na prática médica; 6 se posicionaram a favor ao uso dos termos eponímicos e 4 não souberam opinar quanto a permanência ou não desse tipo de nomenclatura no meio acadêmico-profissional.

Durante a discussão dessas categorias e subdivisões serão descritas algumas evocações dos estudantes. Em respeito ao anonimato dos indivíduos, será identificada cada citação direta como aluno 1, aluno 2, aluno 3, e assim sucessivamente, conforme a ordem de aparecimento das evocações no texto. Os textos não sofreram correções linguísticas ou gramaticais, preservando-se o caráter espontâneo das falas dos sujeitos em estudo.



#### IV. Obstáculo de Comunicação

A principal narração negativa e a categoria mais utilizada pelos estudantes, encontrada na análise de conteúdo de fala, foi a dificuldade em se comunicar utilizando os termos eponímicos. Essa subcategoria já era argumento de muitos autores contra a utilização dos epônimos, visto que algumas doenças recebem nomes diferentes em determinados países, um mesmo nome designa duas patologias diferentes e a falta de padronização no uso dessas terminologias.<sup>9</sup>

Como exemplo, vemos a disfagia sideropênica, conhecida como Síndrome de Plummer-Vinson nos EUA e Austrália, Síndrome de Paterson-Kelly no Reino Unido ou Síndrome de Waldenström-Kjelleberg nos países escandinavos<sup>10</sup>. Além disso, a escrita errada de alguns epônimos é vista em artigos publicados em revistas indexadas, e isso dificulta a busca apurada quando há a necessidade de pesquisa.<sup>11</sup>

Os acadêmicos argumentam:

“(…) tem nome que é difícil de falar, tem nome que é difícil de escrever. Se você padronizar, deixa um nome só e acabou (…)” Aluno 1

“(…) que não tenha o nome dos pesquisadores, que tem nomes alemães, nomes complicados, enfim. (...) aí a gente acaba aprendendo os nomes e o nome atual e aí, então, você fica naquela contradição de ter que saber dois nomes para mesma coisa. Eu acho que seria interessante padronizar. (...) ah, eu acho que é pela complexidade de certos nomes. Tem nomes mais complicados até para escrever ou ler ou falar mesmo, então, e eu acho que o nome da estrutura em si fica mais fácil também de compreender. (...) ah, justamente porque, alguns eu tenho, por conta da dificuldade de pronunciar, ou de leitura ou até mesmo de escrever, porque tem uns nomes complexos, né? (...) às vezes é profissional mais antigo e tem o conhecimento dos nomes dos epônimos em vez dos nomes atuais, então essa, é, essa, como é que se diz, comunicação né? Entre as pessoas, porque, ainda não tá, pelo meu entender, não tá ainda específico a

---

<sup>9</sup> SILVA, Fleury M; SYLVESTRE, Rodolfo C; PIRES, José GP. ‘O uso de epônimos na prática médica’. *Op.cit.*

<sup>10</sup> GONZÁLEZ-LÓPEZ, Esteban. ‘¿Hay que seguir utilizando (algunos) epónimos médicos?’ *Med Clin*, 134(15), 2010, p. 703–704.

<sup>11</sup> JANA, Narayan; BARIK, Sukumar; ARORA, Nalini. ‘Current use of medical eponyms – a need for global uniformity in scientific publications’. *BMC Medical Research Methodology*, 9, 2009, p. 18.



mudança, mas ainda tem muita gente que usa os termos antigos, epônimos, então, por isso que eu acho ainda que deve permanecer por esse tempo, eu não sei se futuramente já não vai existir mais, não sei.” Aluno 2

“(…) eu sou contra, porque às vezes confunde a gente (…) para facilitar a comunicação entre o médico e o paciente e entre os próprios profissionais da saúde (…)” Aluno 3

“(…) só que por outro lado, às vezes tem epônimo que a gente não tem contato e algum outro profissional de uma área usa e eu não conheço e não vou ficar a par da situação. Por que de eu não utilizar um epônimo? Pelo fato de que do mesmo jeito que eu possa não conhecer um epônimo, outro colega, outro profissional também não conheceria o epônimo que eu tava querendo utilizar. Facilitar a discussão. (…) A situação que eu possa ter passado às vezes, o professor me questionar a respeito de alguma tríade ou alguma, ou grupo de sinais e sintomas que o doente tem e eu não saber que aquilo faz parte de algum epônimo e não saber a resposta. (…)” Aluno 4

“(…) totalmente contra. Só dificulta o aprendizado e a assimilação do aluno ao ensino. Dificuldade de assimilação. Mas como tem, melhor seria que tivesse uma aula específica disso, porque nem todos os médicos sabem os epônimos e tem aqueles que só usam epônimos, então você tem que ter, saber as duas formas. (…) professor falar que eu sabia o que era, mas por causa, em virtude do epônimo, você não sabia. Então são esses tipos de situações que seriam completamente evitadas se os termos dos epônimos não fossem usados (…)” Aluno 5

“(…) uma coisa que é difícil de você tirar de uso, alguns ficam, Murphy, Blumberg, mas confunde às vezes (…)” Aluno 6

“(…) geralmente um epônimo tem outro nome também, um nome só seria mais fácil. (…). Se você padronizar, deixa um nome só e acabou. (…)” Aluno 7

“(…) eu acho que quando você conversa com outro médico ou alguém da área, agora paciente-médico eu acho que não haveria tanta necessidade não. (…)” Aluno 8

“(…) eu sou contra. Qual é o motivo? Ah, por causa que eu acho que não precisa, se já tem um nome, não precisa colocar outro, acho que confunde (…)” Aluno 9

“(…) se eu tivesse lidando com alguém que não é do meio, por exemplo, se eu tivesse lidando com um paciente que, por exemplo ele tem, eu acho que, que é mais fácil você, você descrever o que ele tem do que usar o epônimo, entendeu? (…)” Aluno 10



## V. Dificuldade de Memorização

Outra importante subcategoria negativa evocada pelos alunos foi a dificuldade de memorização dessas terminologias médicas, dificultando inclusive seu processo de aprendizagem. A quantidade estimada de epônimos existentes é de aproximadamente dez mil<sup>1</sup>, e são ligados a 3409 pessoas, sendo 130 mulheres e 3279 homens.<sup>12</sup>

Algumas interpretações dos acadêmicos são relatadas:

“(…) contra. Eu acho mais difícil de você decorar, ficar decorando um monte de epônimo para as coisas, geralmente um epônimo tem outro nome também, um nome só seria mais fácil. Dificuldade de lembrar. (…)” Aluno 1

“(…) eu acho que seria interessante padronizar ou continuar assim como sempre foi, entendeu? Com esses nomes antigos, ou então padronizar, vamos colocar as estruturas e tudo, porque essa transição tá um pouco complexa devido você ter que decorar mais de um nome de uma estrutura (…)” Aluno 2

“(…) sou contra, porque dificulta a literatura médica, dificulta decorar todos os nomes de todos os epônimos possíveis. A principal razão pela qual eu não utilizaria é a dificuldade de decorar (…)

Problema não, tenho dificuldade de decorar os epônimos” Aluno 11

“(…) porque é mais fácil entender a coisa e saber o que ela é, do que ter que decorar o nome da pessoa que descobriu aquilo. (…)

eu acho chato ter que ficar decorando.” Aluno 12

“(…) minha opinião é que quando você não utiliza epônimos fica muito mais fácil o aprendizado do aluno. Para facilitar a compreensão de forma geral (…)” Aluno 13

## VI. Honrada Homenagem aos Pesquisadores

Essa é a principal argumentação dos autores que defendem a utilização desse tipo de terminologia para denominar síndromes, sinais, manobras ou doenças. O fato de que a maioria dos termos eponímicos serem descritos em uma época com poucos recursos tecnológicos e uma incrível observação clínica dos processos patológicos faz com que a utilização de epônimos seja, na

---

<sup>12</sup> WERNECK, Alexandre L; BATIGÁLIA, Fernando. *Op. cit.*



verdade, uma forma de justa homenagem àqueles que contribuíram com uma vida profissional em prol do avanço das ciências médicas<sup>13</sup>. Reconhecer esses primeiros pesquisadores é compreender melhor todas as faces da evolução, o passado e o presente da medicina e o desenvolvimento de suas especialidades<sup>14</sup>.

As citações dos estudantes de medicina foram:

“(...) eu acho que deve ficar porque a medicina não foi criada ontem, então se é uma coisa milenar, que já tem centenas de anos utilizando, às vezes centenas, dezenas de anos utilizando aquele epônimo. Não estaria errado você atribuir alguma coisa a um nome de alguém naquilo. E outros médicos anteriores, mais velhos, conhecem aquela doença, conhecem aqueles sintomas, conhece aquela técnica epônimo, vamos dizer assim. Então eu acho que se você tirar epônimo hoje, você está tirando parte de algum aprendizado que alguém já teve antes. (...)” Aluno 4

“(...) sou a favor. Acho que a pessoa que descobriu lá merece reconhecimento. (...)” Aluno 6

“(...) eu acho que deve porque a medicina não é só uma ciência, ela tem um contexto assim, de, de arte, e, como é uma arte, tem um contexto histórico, e você utilizando epônimo, você conhece os feitos dos que, assim, foram importantes para medicina, eu acho que assim, é um jeito de você manter a tradição. (...)” Aluno 10

“(...) depende, se for a favor, eu penso em duas linhas de raciocínio: se for a favor, eu acho que você deve merecer a quem descobriu, uma maneira de homenagear quem descobriu a doença, ou a síndrome. (...) Meritocracia, no caso, homenagear a quem descobriu. (...)” Aluno 11

“(...) deve como forma de prestar homenagem aos antigos aí que batizaram, mas não de forma, mas não de forma obrigatória. (...)” Aluno 13

“(...) ah, seria para valorizar aquela pessoa que descobriu aquilo, por exemplo, descobriu uma síndrome, bora botar o nome da pessoa na síndrome, não? Para homenagear. (...)” Aluno 14

---

<sup>13</sup> GOIC, Alejandro G. ‘Sobre El Uso De Epónimos En Medicina’. *Rev Méd Chile*, 137, 2009, p. 1508-1510.

<sup>14</sup> FERGUSON, Robert P; THOMAS, Deborah. ‘Medical Eponyms’. *Journal of Community Hospital Internal Medicine Perspectives*, 4(3), 2014, p. 25046.

## VII. Difusão dos Epônimos

Outro importante dado apresentado por diversos autores é que não há a necessidade de se legislar contra a utilização dessa nomenclatura, visto que em todo o campo da ciência há uma divulgação histórica do uso dos epônimos. Então, defender o abandono dos termos eponímicos em medicina seria o mesmo que defender a mudança da nomeação, por exemplo, da Lei de Newton, do Hertz, do Celsius, ou do número de Avogadro, dentre tantos outros.<sup>15</sup>

Os acadêmicos de medicina fizeram algumas argumentações:

“(...) eu utilizaria um termo eponímico às vezes por conta do costume, por já ter aprendido aquilo, pela facilidade de, é, das pessoas conhecerem, por ser, por tá, por se, se tornado um termo, um nome já de fácil, familiarizado por todos, enfim, que todos entendem. (...) Ah, eu acho que é nessas situações em que já se tem o costume, é, já foi empregado, já é mais de fácil utilização pelas próprias pessoas, né? os, os profissionais da área. Eu acho que a utilização dele é justamente por isso, às vezes é profissional mais antigo e tem o conhecimento dos nomes dos epônimos em vez dos nomes atuais, então essa, é, essa, como é que se diz, comunicação né?, entre as pessoas. (...) mas ainda tem muita gente que usa os termos antigos, epônimos, então, por isso que eu acho ainda que deve permanecer por esse tempo, eu não sei se futuramente já não vai existir mais, não sei. (...)” Aluno 2

“(...) mas eu acho que não vai ter como erradicar, tem como diminuir, eu acredito, mas erradicar o uso, acredito que não. (...)” Aluno 3

“(...) para mim significa, na verdade um nome de alguém famoso que descobriu alguma coisa que na verdade tem um significado diferente. De uso cotidiano. Uma coisa que é difícil de você tirar de uso, alguns ficam, Murphy, Blumberg. (...). Eu acho que é mais pelo uso comum, todo mundo já utiliza. (...) Não é uma coisa que vai tirar de uma hora para outra e é uma coisa legal. (...)” Aluno 6

“(...) a principal razão seria se esse termo fosse bastante difundido, tipo trompa de Falópio, essas coisas, entendeu? (...)” Aluno 13

---

<sup>15</sup> MATTESON, Eric; WHITWORTH, Judith A. ‘Head to Head: Should eponyms be abandoned?’ *BMJ*, 335, 2007, p. 424 – 425.



“(...) eu fico no meio termo porque tem uns que eu acho que são bem clássicos da medicina. (...) eu acredito, que de forma não exagerada deve permanecer sim, porque já, já, vem sendo feito a tanto tempo que hoje tirar, mudar tudo agorinha mesmo, mudar algumas coisas que já são bem fáceis. (...)” Aluno 15

“(...) primeiramente, porque é a nomenclatura mais utilizada no meio médico, então se utilizasse um meio não eponímico provavelmente poderia não ser reconhecido pelo profissional, pelo colega, então acaba que é um, um, um fato histórico também na medicina, e é um pouco difícil de mudar, muito difícil. Não. Sim. É quando se tratar da história da medicina. (...) como já é um negócio difundido historicamente, já está fundamentando em várias gerações de médicos, eu defendo que deve ser ensinado nas escolas e utilizado, porque é meio utópico falar que: ah, de uma hora para outra vamos tirar todos esses epônimos, vamos mudar tudo, que já está de uso corrente na prática médica, se o aluno não for submetido a esse aprendizado ele vai passar por dificuldade quando estiver exercendo a profissão. (...)” Aluno 16

“(...) ah, eu acho que sim e que não, eu acho que já é utilizado a mais tempo porque a gente já acostumou né? (...)” Aluno 17

“(...) eu acho que deveria ser mantido pelo fato que medicina é história também, então, é, muita coisa da medicina veio da antiguidade, então eu acho que, que, que seria legal manter dependendo, que eu já ouvi falar que, por exemplo, que tiveram por exemplo alguns experimentos nazistas, coisas assim, esses deveriam ser retirados. É facilitar medicina. Para manter história da medicina. (...)” Aluno 18

## VIII. Nuvem de Palavras

Em uma das análises textuais foi verificada as taxas de ocorrência das palavras que eram evocadas nas respostas dos estudantes. Essa metodologia, chamada *Word Cloud*, é uma análise lexical mais simples, porém graficamente didática que agrupa os termos e os organiza em função da sua frequência. A geração da Nuvem de Palavras pelo software IRaMuTeQ é representada na figura 1.

Na interpretação gráfica, as palavras têm seu tamanho diretamente proporcional à sua frequência de evocação no corpus transcrito a partir das entrevistas com os acadêmicos de medicina.

Os termos “não”, “decorar” e “contra” aparecem em destaque na observação da imagem, o que reforça a conclusão de que a maioria dos alunos



entrevistados foi contra a utilização de epônimos na prática médica. Como um dos principais argumentos, a dificuldade de memorização fica evidente na análise feita pelo *software*.

## Conclusão

Portanto, como recentemente a educação médica tem se voltado e tornado o aluno como centro de seu próprio aprendizado, a opinião desses indivíduos deve ser tomada em conta quando da determinação de métodos de ensino e suas vertentes. Um maior debate entre as associações e instituições de ensino médico deve ser considerado para uma provável adequação das dificuldades que os alunos têm em sua formação.

\*\*\*

## Bibliografia

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Persona, 1977.
- DI DIO, Liberato JA. 'Lançamento oficial da Terminologia Anatômica em São Paulo: um marco histórico para a medicina brasileira'. *Rev Ass Med Brasil*, 46(3), 2000, p. 191-193.
- FERGUSON, Robert P; THOMAS, Deborah. 'Medical Eponyms'. *Journal of Community Hospital Internal Medicine Perspectives*, 4(3), 2014, p. 25046.
- GOIC, Alejandro G. 'Sobre El Uso De Epónimos En Medicina'. *Rev Méd Chile*, 137, 2009, p. 1508-1510.
- GONZÁLEZ-LÓPEZ, Esteban. '¿Hay que seguir utilizando (algunos) epónimos médicos?' *Med Clin*, 134(15), 2010, p. 703-704.
- JANA, Narayan; BARIK, Sukumar; ARORA, Nalini. 'Current use of medical eponyms – a need for global uniformity in scientific publications'. *BMC Medical Research Methodology*, 9, 2009, p. 18.
- MATTESON, Eric; WHITWORTH, Judith A. 'Head to Head: Should eponyms be abandoned?' *BMJ*, 335, 2007, p. 424 – 425.
- PARRA, Jorge ED; ARIAS, Nilton CG; RÍOS, Diana PG. 'Nomenclatura Anatômica Internacional ¿Un Horno Microondas En El Interior De Un Volcán Activo?'. *Medicina UPB Medellín*, 21(1), 2002, p. 43-55.
- SILVA, Fleury M; SYLVESTRE, Rodolfo C; PIRES, José GP. 'O uso de epônimos na prática médica'. In: *Mirabilia, Medicinæ* 3, 2014, p. 22-47.
- SOUZA, Marcos C; PIRES, José GP. 'Etimologia anatômica como auxílio à aprendizagem em Medicina'. *Mirabilia, Medicinæ* 1, 2013, p. 40-47.
- WERNECK, Alexandre L; BATIGÁLIA, Fernando. 'Anatomical eponyms in Cardiology from to the 60s to the XXI century'. *Rev Bras Cir Cardiovasc*, 26(1), 2011, p. 98-106.